

to) e os espíritos (malignos) em Jesus de Nazaré (Armand Puig i Tàrrrech); as diversas fórmulas utilizadas por Lucas a propósito do Espírito Santo (Jenny Read-Heimerdinger); a questão sobre se há graus de participação no Espírito Santo na obra de Lucas (Josep Rius-Camps); a figura do Espírito Santo enquanto Espírito da Verdade, como princípio hermenêutico da tradição joanina (Josep Oriol Tuñí); análise exegética e hermenêutica da perícopa «Do seu seio brotaram rios de água viva» (Jo 7, 37-39) (Antoni Pou); os crentes como templo do Espírito nos escritos paulinos (Agustí Borrell); comentário hermenêutico ao insulto do Espírito da graça (He 10, 29) (Jordí Cervera i Valls); comentário hermenêutico a «o Espírito e a Esposa dizem “Vém”» (Ap 22, 17) (Begonya Palau). Um último estudo versa sobre o Espírito Santo como luz de profecia e revelação segundo a tradição islâmica (Francesc-Xavier Maríns i Torne).

LUÍS SALGADO

## ESPIRITUALIDADE

CIPRIANI, Nello, **Muchos y uno solo en Cristo. La espiritualidad de Agustín**, col. «Pensamiento» 17, Editorial Agustiniiana, Guadarrama (Madrid), 2013, 531 p., 220 x 150, ISBN 978-84-92645-37-4.

Os estudiosos de Santo Agostinho sabem que ele usa um modo de pensamento e de escrita bastante digressivo. Além disso, o seu pensamento é evolutivo e progressivo, ao ponto de, no final da vida, ter sentido necessidade de escrever as suas *Retractationes*. Não é fácil, por isso mesmo, falar da espiritualidade agostiniana

como doutrina estabelecida de uma vez por todas e sem ter em consideração o seu carácter multifacetado. Por outro lado, nos seus numerosos escritos podemos encontrar orientações espirituais para as diferentes categorias de cristãos: sacerdotes, religiosos e leigos. Muitos e um só em Cristo, como diz o título deste livro, tem isso em conta, a par da consciência da linha fundamental que faz a unidade do pensamento e que é a do plano de Deus que conduz a história humana.

O livro está estruturado em três partes: a primeira, sobre os fundamentos antropológicos e teológicos da espiritualidade agostiniana; a segunda, sobre as linhas essenciais da vida cristã, nomeadamente as três virtudes teológicas; a terceira, sobre o caminho que leva desde a conversão à perfeição cristã.

A primeira parte divide-se em duas secções, uma antropológica e outra mais teológica. Naquela são versados, em sucessivos capítulos, a vocação religiosa do homem, a sua dimensão social, a corporal e a relação homem-mundo. Nesta, o autor trata de Deus e o homem na história, com incidências na natureza, interioridade e historicidade do homem; a reflexão de Agostinho sobre o tempo e a sua crítica dos tempos cíclicos; a economia salvífica, com relevo para o Cristo mediador, a acção santificadora do Espírito Santo, a Igreja uma congregadora da multiplicidade de carismas; a Virgem Maria e os santos.

A segunda parte explora as duplas agostinianas *restauratio* e *reformatio* e *renovatio* e *recreatio*, a adopção filial, a incorporação em Cristo e a edificação do templo de Deus. Vêm depois as três virtudes teológicas: fé, esperança e caridade.

Na terceira parte expõe-se o caminho espiritual, por gradação e em obediência ao conselho do Bispo de Hipona: «Canta e caminha»: primeiro grau: o dom do temor

de Deus e a pobreza espiritual; segundo grau: o dom da piedade e da mansidão; terceiro grau: o dom da ciência e as lágrimas da oração; quarto grau: o dom da fortaleza e a fome de justiça; quinto grau: o dom do conselho e da misericórdia; sexto grau: o dom da inteligência e a pureza de coração. A perfeição da vida cristã constitui o sétimo e último grau, que traz consigo o dom da sabedoria e a paz dos filhos de Deus.

Com índice onomástico e bibliografia distribuída por cada um dos grandes temas e capítulos tratados.

RAUL AMADO

## FILOSOFIA

MARZOLF, Hedwig, **Libéralisme et religion. Réflexions autour de Habermas et Kant**, coll. « Humanités », Les Éditions du Cerf ([www.editions-ducerf.fr](http://www.editions-ducerf.fr)), Paris, 2013, 272 p., 220 x 235, ISBN 978-2-204-10032-8.

A autora deste ensaio – doutora em filosofia e professora na Universidade Loyola da Andaluzia – procura enfrentar a tese de Habermas que diz não poderem os crentes argumentar em função das suas crenças e, a par, a de que os cidadãos laicos devam ser surdos em face das intuições éticas provenientes das religiões. Em seu entender, estas são posições que antes convidam a enfrentar a «força motivante» da razão prática.

Prestando atenção a Kant, a autora descobre que este problema se resolve na figura de Cristo «amigo do homem». E que a necessidade de Deus não repousa apenas na resolução do crer, mas no enigma da liberdade para um sujeito finito. Em consequência, à filosofia não basta re-

conhecer a utilidade social e política das religiões, mas torna-se necessário reabrir um questionamento filosófico.

O livro estrutura-se em três grandes capítulos. O primeiro versa sobre liberalismo e secularização. Aí Hedwig Marzolf passa em revista as religiões no contexto do modelo liberal da Europa; examina a sociedade pós-secular, com os seus problemas e desafios próprios: nova relação entre razão e religião na esfera pública, fundamentalismo e liberalismo como um dos problemas dilacerantes de Bento XVI, a leitura habermasiana da filosofia da religião de Kant, a revisão da ética kantiana por K.-O. Apel, análise conducente à hipótese de Deus «reencontrado» pela razão prática.

No segundo capítulo – Uma «moral da finitude» – a autora detém-se sobre o debate entre Heidegger e Cassirer sobre a interpretação do respeito; sobre a questão schilleriana da graça: a crítica de Schiller, o respeito como sentimento do sublime da liberdade, Cristo como «amigo do homem», o «pensamento liberal» do cristianismo; outros temas: a obrigação como apelo do Outro, o tribunal divino da consciência moral, o perdão, a «comunidade ética».

O terceiro capítulo leva por título «Teologia e reflexão». Num primeiro apartado, em termos derivados de Kant, trata do postulado da existência de Deus. Começa por uma pergunta: uma crença racional ou uma crença histórica? Versa depois sobre o aprofundamento teológico da filosofia transcendental no *Opus postumum*, revisitando a crítica heideggeriana sobre teologia e «metafísica da subjectividade». Termina com um apartado sobre as transformações da ideia de Deus, com os subtemas: uma reabilitação da prova ontológica?; A personalização da teologia; o sentido e a ultrapassagem da metáfora